

Conectando Centros de Desenvolvimento Regional com o potencial das universidades: o caso do Sudoeste Paulista

Maurício Aguiar Serra¹, Daniel de Mattos Höfling² e Marimar Guidorzi de Paula³

Resumo

Uma crescente e robusta literatura tem enfatizado que as universidades podem desempenhar um papel fundamental no processo de desenvolvimento regional. Esse reconhecimento está intrinsecamente associado às percepções de que as regiões realmente importam para a inovação, a competitividade e o desenvolvimento econômico e também de que a interação dos atores regionais é um fator-chave nesse processo. A fim de apoiar o desenvolvimento das regiões, por meio de projetos que resultam de parcerias entre distintos atores regionais, alguns Centros de Desenvolvimento Regional têm sido criados. Este artigo objetiva descrever o processo de implementação do Centro de Desenvolvimento

Abstract

A growing body of literature has stressed that universities can play a pivotal role in regional development process. This recognition is intrinsically associated with both perceptions that regions really matter for innovation, competitiveness and economic development and also that the interplay of regional actors is a key-factor in this process. In order to support the development of regions, through projects that stem from partnerships between distinct regional actors, some Centres for Regional Development have been set up. This paper aims at describing the implementation process of the Centre for Regional Development in the southwestern region

1 PhD pela London School of Economics and Political Science. Professor livre docente do Instituto de Economia da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp).

2 Doutor em Desenvolvimento Econômico pelo Instituto de Economia da Unicamp. Professor da Faculdade de Campinas (Facamp).

3 Mestre em Zootecnia pela Universidade de São Paulo (USP). Secretária municipal de Desenvolvimento Econômico de Itapeva, São Paulo.

Regional na região sudoeste do Estado de São Paulo, em sua fase inicial, destacando os aspectos positivos, os obstáculos concretos e os desafios atuais.

of the State of São Paulo, in its initial phase, highlighting positive aspects, concrete obstacles and current challenges.

Palavras-chave: Centro de Desenvolvimento Regional. Universidades. Sudoeste Paulista

Keywords: *Centre for Regional Development. Universities. Southwestern Region of the State of São Paulo.*

1. Introdução

A literatura econômica tem enfatizado categoricamente a importância da inovação para o processo de mudança econômica e social dos países (FAGERBERG, 2006). Em função de sua característica inata, a inovação tem sido, em grande medida, responsável não só pela geração de novos empreendimentos e empregos, como também pelo aumento da produtividade e competitividade, o que faz dela um motor determinante do crescimento e do desenvolvimento econômico de países e regiões. Na verdade, em uma sociedade crescentemente dominada pelo conhecimento, as vantagens comparativas, estáticas, baseadas em recursos naturais, acabam por perder relevância, ganhando então destaque aquelas que são construídas e criadas, as quais estão assentadas na capacidade diferenciada de gerar conhecimento e inovação. Não é coincidência o fato de a Organização para a Cooperação e o Desenvolvimento Econômico (OCDE) [em Inglês, Organisation for Economic Co-operation and Development (OECD)] (2015) ter sublinhado que economias inovativas são mais produtivas, resilientes, adaptáveis a mudanças e, ainda por cima, melhor capacitadas para propiciar um elevado padrão de vida.

Esse consenso acerca da inovação está intrinsecamente relacionado à mudança na compreensão do processo inovativo. Nesse sentido, a inovação passou a ser concebida não mais como uma sequência de etapas lineares e sim como o resultado direto de um árduo esforço interativo entre diversos atores, em que conhecimento e aprendizado são os pilares essenciais. É exatamente esta visão sistêmica que está por trás dos conceitos de sistema nacional de inovação (LUNDVALL, 1992; NELSON, 1993) e de sistema regional de inovação (COOKE, 1992, 2009; COOKE *et al.*, 1997). Este último assume particular importância em virtude de perceber que as regiões são cruciais na governança dos processos econômicos e, ao mesmo tempo, de ressaltar que é no nível regional que a inovação é gerada por meio das redes regionais de inovadores, dos *clusters*

locais e dos efeitos sinérgicos das instituições de pesquisa (ASHEIM & GERTLER, 2006). Segundo a OCDE (2013), as regiões são vitais para o processo inovativo e, além do mais, a concentração de atividades é vantajosa para o crescimento econômico regional, na medida em que a região é o local onde a capacidade inovadora é forjada e as atividades econômicas são organizadas e coordenadas.

Torna-se importante salientar que as condições para o desenvolvimento de regiões, baseadas no conhecimento e no aprendizado, não surgem espontaneamente e nem são dadas unicamente pelo mercado. Na verdade, as vantagens competitivas regionais podem ser, consciente e proativamente, construídas (ASHEIM *et al.*, 2011a; ASHEIM *et al.*, 2011b), uma vez que elas são o resultado da capacidade endógena regional de geração e exploração de conhecimento, sendo sua construção dependente de uma série de fatores, os quais variam desde a base de conhecimento regional até a interação entre os setores público e privado. Não é por outra razão que a interação entre os atores da hélice tripla - governo, indústria e universidade⁴ – é considerada um elemento essencial na promoção das atividades econômicas regionais (ETZKOWITZ, 2008). Em outras palavras, a região baseada no conhecimento é uma entidade deliberadamente construída e viabilizada por diversos atores regionais, principalmente os da hélice tripla (ETZKOWITZ & KLOFSTEN, 2005). A criação de espaços de consenso, nas palavras de Etzkowitz (2008), vem a ser de suma importância, em virtude do fato desses ambientes operarem como redes de diferentes atores, que servem como um mecanismo extremamente frutífero, de ação coletiva, em prol do desenvolvimento regional.

É exatamente dentro desse contexto que emergiu uma crescente e robusta literatura sobre o papel central desempenhado pelas universidades no desenvolvimento das regiões em que estão localizadas (OCDE, 2007; GODDARD & KEMPTON, 2011; GODDARD & VALLANCE, 2013; GOODARD *et al.*, 2016). De fato, as universidades, ao produzirem conhecimento, formarem recursos humanos qualificados e gerarem capacidades de renovação e de criação colaborativa, têm sido percebidas como valiosos ativos de suas regiões, como atores regionais vitais e também como poderosos instrumentos de transformação social e econômica regional. Nesse sentido, o que se tem esperado cada vez mais delas é um profundo engajamento com as suas regiões, sendo que este papel regional mais proativo vai muito além de suas tradicionais, porém relevantes, missões de ensino e pesquisa.

Os Centros de Desenvolvimento Regional (doravante denominados CDR), no âmbito do projeto CDR/MEC/CGEE⁵, foram idealizados como canais de estímulo ao desenvolvimento regional, na

4 O termo universidade é empregado nesse artigo com o sentido mais abrangente possível.

5 Centros de Desenvolvimento Regional (CDR)/Ministério da Educação (MEC)/Centro de Gestão e Estudos Estratégicos (CGEE).

medida em que podem – e devem – funcionar como verdadeiros espaços de consenso, em que as parcerias estabelecidas entre atores dos diversos setores acabam por construir uma visão coletiva acerca das necessidades das regiões, passo este essencial para ações coletivas canalizadas para o desenvolvimento das regiões.

O presente artigo objetiva descrever o início do processo de construção do CDR do Sudoeste Paulista. Para tanto, está estruturado em quatro seções, além desta introdução. A primeira seção apresenta o processo de conformação do referido CDR. A segunda, por sua vez, tem como foco a estrutura socioeconômica dos municípios que formam o CDR. Na terceira seção, é descrita a experiência da primeira Oficina, realizada em dezembro de 2017. Por fim, a quarta seção expõe as considerações finais.

2. A configuração do CDR Sudoeste Paulista

Desde o lançamento oficial do projeto CDR/MEC/CGEE, ocorrido em junho de 2017, em Campina Grande, até a reunião realizada em novembro do mesmo ano, no campus Lagoa do Sino da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), no município paulista de Buri, que foi preparatória para a 1ª Oficina de Implementação do CDR, houve uma intensa articulação na região do Sudoeste Paulista, liderada pelo deputado federal Vitor Lippi, com o propósito específico de se definir não somente as instituições de ensino superior e de ciência e tecnologia que comporiam o CDR daquela região, mas também a sua área de abrangência. Cabe aqui ressaltar que esse processo de articulação, essencialmente endógeno, foi de vital importância para se criar a coesão necessária entre os atores regionais em torno dos objetivos do projeto.

Dois aspectos merecem ser destacados em relação à reunião que antecedeu a 1ª Oficina de Implementação do CDR Sudoeste Paulista. O primeiro deles se refere ao número expressivo e diversificado de participantes, sendo representantes da academia, dos governos e do setor produtivo. Essa presença é uma condição necessária para se forjar uma visão coletiva a respeito do desenvolvimento regional e, ao mesmo tempo, para respaldar as decisões sobre a estrutura e as ações do próprio CDR. O segundo aspecto é a ênfase de que o sucesso do desenvolvimento das regiões está centrado no compromisso político dos governos e na interação produtiva entre os distintos atores, sendo o engajamento regional das universidades um elemento-chave nesse processo, na medida em que a disponibilidade regional de conhecimentos e capacidades passa a ter o mesmo grau de importância que a infraestrutura física.

As principais instituições de ensino superior e de ciência e tecnologia da região do Sudoeste Paulista são: Faculdade de Tecnologia (Fatec) de Itapetininga; Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia São Paulo (IFSP), campus Itapetininga; Fatec de Capão Bonito; Agência Paulista de Tecnologia dos Agronegócios (APTA); UFSCar, campus Lago do Sino; e Universidade Estadual Paulista (Unesp), campus de Itapeva. O raio de ação dessas instituições compreende 25 municípios, a saber: Itapetininga, São Miguel Arcanjo, Guareí, Angatuba, Campina do Monte Alegre, Ribeirão Branco, Capão Bonito, Ribeirão Grande, Guapiara, Buri, Paranapanema, Itaoca, Riversul, Iporanga, Itapirapuã Paulista, Ribeira, Barra do Chapéu, Apiaí, Itapeva, Itararé, Itaberá, Itaporanga, Bom Sucesso de Itararé, Nova Campina e Taquarivaí. Isto significa dizer que há um grau de aderência dessas instituições com os municípios das proximidades onde estão inseridas.

Além dos representantes das instituições de ensino superior e de ciência e tecnologia anteriormente mencionadas e dos governos municipal e estadual, cumpre também sublinhar a participação, nas reuniões, principalmente na 1ª Oficina, de diversos atores regionais relevantes, ligados ao setor produtivo, tais como as várias associações (comercial, empresarial, de engenheiros, de desenvolvimento social, do Sudoeste Paulista de Irrigantes e Plantio de Palha, etc.), o Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (Sebrae) do Sudoeste Paulista e sindicatos rurais. Embora esteja longe de representar um vaticínio positivo, essa participação é um indicador de que o CDR pode se tornar um real espaço de consenso, no qual a congregação de distintos atores acaba não só por forjar uma visão de futuro comum, como também por propiciar ações coletivas em prol do desenvolvimento regional.

3. A região do Sudoeste Paulista: estrutura socioeconômica

A região do Sudoeste Paulista é composta por 25 municípios, que abrangem cinco microrregiões geográficas e ocupam uma área de 18.836,30 quilômetros quadrados (km²), correspondente a 0,22% do território nacional, possuindo uma população de 615.676 habitantes, o que equivale a 0,29% da brasileira. O seu crescimento populacional foi de 5,95% no período de 2010 a 2016, percentual este que está abaixo da média nacional, que foi de 8,03% (IBGE, 2017).

Desses municípios do Sudoeste Paulista, 22 possuem menos de 50 mil habitantes, reunindo 50,96% das pessoas que vivem da região. Apenas uma cidade, Itapetininga, possui mais de 100 mil munícipes, abarcando 25,75% dos moradores da região (IBGE, 2017). Dada a dimensão de suas cidades e o potencial agrícola do Sudoeste Paulista, não causa estranheza o fato de seu grau de urbanização apresentar-se inferior à média nacional (77,74% contra 84,37%) (IBGE, 2010).

Por outro lado, sua densidade demográfica é maior: 32,69 contra 24,20 do Brasil (IBGE, 2017). A economia da região, assentada em cidades de pequeno e médio porte com características distintas, encontra-se fortemente ligada ao setor primário e foi capaz de produzir, em 2014, um PIB de R\$ 13.129.712.000, gerando uma renda per capita de R\$ 21.516,82.

De acordo com o último Censo Demográfico do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) (IBGE, 2010), o percentual de analfabetos com 25 anos ou mais na região é menor que no País: 9,15% ante 11,66%. Entretanto, o Índice de Desenvolvimento Humano Municipal (IDHM), em sua Dimensão Educação ou IDHM Educação⁶ do Sudoeste Paulista, é levemente inferior ao da nação: seu valor mediano é 0,634 frente a 0,637 (PNUD, 2010). As maiores taxas de analfabetismo encontram-se nas cidades de Riversul, Bom Sucesso de Itararé, Barra do Chapéu, Itapirapuã Paulista, Ribeira, Itaoca e Iporanga. Por sua vez, Itapetininga é o município detentor do mais elevado IDHM em Educação. A diferença entre a região e o Brasil aumenta um pouco quando se compara o IDHM de Longevidade (valores medianos de 0,805 e 0,816) e cresce muito quando o quesito é o IDHM de Renda (valores medianos de 0,643 e 0,739, correspondentes a uma variação de aproximadamente 14%).

No tocante à distribuição da renda, a região possui 15,33% de pessoas consideradas pobres e 5,76% consideradas muito pobres. Os municípios com maior percentual de pobres são Riversul, Nova Campina, Ribeirão Branco, Guapiara, Barra do Chapéu, Itaoca e Itapirapuã Paulista; e aqueles com maior taxa de extrema pobreza são Riversul, Apiaí, Ribeirão Branco, Guapiara, Barra do Chapéu, Itaoca e Itapirapuã Paulista (IBGE, 2010), ao que passo que Itapetininga, São Miguel Arcanjo e Itapeva possuem os mais altos IDMH Renda.

Em relação à infraestrutura, os números referentes à região e ao País são similares, com larga vantagem para o Sudoeste Paulista, na medida em que a rede geral de esgoto está presente em 71,68% dos seus domicílios, enquanto esse percentual é de 52,89% no Brasil (IBGE, 2010). Além disso, 90,32% dos seus domicílios possuem coleta de lixo, 99,47% têm acesso à energia elétrica e apenas 3,25% não desfrutam de água encanada.

Em virtude de a região ser predominantemente agrícola, 25,49% dos ocupados, ou seja, uma parte considerável, encontram-se no setor primário. Os setores secundário e terciário abrangem 19,51% e 55% respectivamente (IBGE, 2010). À exceção do setor industrial, tais participações divergem consideravelmente daquelas observadas no conjunto do País, uma vez que 15,63% dos ocupados trabalham no setor primário, 21,34% no secundário e 63,07% no terciário.

6 A dimensão Educação do IDHM é uma composição de indicadores de escolaridade da população adulta e de fluxo escolar da população jovem. Fonte: < http://www.atlasbrasil.org.br/2013/pt/o_atlas/metodologia/idhm_educacao/ >. Acesso em: 10 dez. 2017.

Quando se analisa o emprego formal, a diferença entre a região do Sudoeste Paulista e o Brasil acentua-se e reforça o caráter agrícola da mesma. De acordo com o Relatório Anual de Informações Sociais (RAIS) (BRASIL, MTE, 2016), 21,76% dos empregados formais situavam-se, em 2016, no setor primário, 16,72% no secundário e 61,52% no terciário da região. Em relação ao País, esses números são 3,70%, 20,34% e 75,96%, respectivamente. Dois aspectos merecem ser destacados: a região, dada a composição das participações, provavelmente possui um maior grau de formalidade no setor primário *vis-à-vis* o conjunto do País; e os dados apontam que houve, entre 2010 e 2016, no Sudoeste Paulista, uma queda na participação do emprego formal no setor primário (de 24,4% para 21,76%) e um aumento na participação no setor terciário (58,50% para 61,52%).

No que tange ao ensino superior, a região detém 56 doutores e 204 mestres, atuando majoritariamente nas cidades de Itapetininga e Itapeva. Enquanto a primeira possui 29 doutores (51,8% do total) e 100 mestres (49% da região), a segunda tem 22 doutores (39,3%) e 47 mestres (23%). Segundo a Classificação Nacional de Atividades Econômicas (IBGE, 2010), 66% dos doutores em Itapetininga trabalham no setor de educação, ao passo que outros 14%, na indústria de transformação. Dos seus mestres, 65% estão alocados na educação e 10% na administração pública, defesa e seguridade social. No entanto, a concentração dos mestres e doutores no setor de educação é ainda maior em Itapeva, posto que 81% dos mestres e 95% dos doutores encontram-se nele (CGEE, 2017). Tais dados apontam para uma relativa escassez de demanda por estes profissionais nos demais setores ocupacionais, revelando-se uma oportunidade a ser explorada. Vale destacar que há, na região, 2.437 pessoas com curriculum registrado na Plataforma Lattes, dos quais, 706 situam-se em Itapeva, e 148 artigos científicos publicados na Base *Scopus*.

A sobreposição das variáveis escolaridade e ocupação mostra claramente que 38,6% dos empregados com até o Ensino Fundamental completo atuam no grupo Trabalhos Agropecuários, Florestais e da Pesca (CGEE, 2017). Dos que possuem Ensino Médio incompleto ou completo, 24,6% são Trabalhadores dos Serviços e Vendedores do Comércio e 23,7% são Trabalhadores da Produção de Bens e Serviços Industriais. No tocante aos empregados mais qualificados, com Ensino Superior incompleto ou completo, 42,3% trabalham principalmente como Profissionais das Ciências e das Artes.

Tendo os mestres e doutores como foco exclusivo de análise, os dados revelam que 87% dos mestres e 86,2% dos doutores em Itapetininga trabalham como Profissionais das Ciências e das Artes, enquanto que em Itapeva os percentuais são 93,6% e 95,5%, respectivamente. Sob o prisma da Natureza Jurídica, é interessante notar que 46% dos mestres em Itapetininga trabalham em Entidades sem Fins Lucrativos e 40% em Entidades Empresariais Privadas, ao passo que os números se invertem quando se trata do universo de doutores: 55,2% trabalham em Entidades

Empresariais Privadas e 37,9% em Entidades sem Fins Lucrativos. Em Itapeva, 76,6% dos mestres e 95,5% dos doutores estão empregados em Entidades Empresariais Privadas (CGEE, 2017).

Em que pese as diferenças entre os municípios, o ponto central é que essas diferenças são reduzidas, o que confere uma certa homogeneidade a essas localidades, corroborando para tal afirmação o fato de que a região é predominantemente agrícola. Não é por outra razão que essa característica foi ressaltada por grande parte dos participantes da 1ª Oficina de Implementação do CDR Sudoeste Paulista, objeto da seção subsequente. Também não é coincidência o fato de que a maioria substancial dos projetos seja desenvolvida na área de maior potencial da região.

4. Assentando os alicerces: a 1ª Oficina do CDR Sudoeste Paulista

Conforme salientado anteriormente, a 1ª Oficina de Implementação do CDR Sudoeste Paulista, realizada em 04 de dezembro de 2017, na Unesp de Itapeva, foi fruto de uma série de reuniões que tinham por objetivos: explicitar os propósitos do projeto CDR/MEC/CGEE; procurar angariar o interesse dos distintos atores regionais acerca da construção do CDR no Sudoeste Paulista; e, por fim, mas não menos importante, iniciar um processo coletivo de tomada de decisões sobre um conjunto de ações estruturantes e norteadoras desse CDR. Um exemplo ilustrativo dessas ações foi a composição do seu conselho executivo, que foi definida e endossada por todos os participantes na reunião anterior, ocorrida em 20 de novembro de 2017, em Buri, especificamente na UFSCar Lagoa do Sino.

Em virtude do elevado interesse de muitos municípios em participar do projeto, houve a necessidade impreterível de se realizar várias reuniões, que foram essenciais para a configuração territorial do CDR e, sobretudo, para o estabelecimento de uma coesão regional. Entretanto, esse processo consumiu mais tempo que o planejado. Nesse sentido, a definição da equipe do CDR Sudoeste Paulista e do seu conselho executivo somente ocorreu há menos de duas semanas antes da 1ª Oficina, um prazo relativamente exíguo para a mobilização das principais lideranças regionais. Essa dificuldade prática, no entanto, foi largamente superada na medida em que houve uma expressiva participação dos mais destacados atores da região.

O ponto chave é que a composição da equipe do CDR e do seu conselho executivo foi um passo crucial para a legitimação de suas futuras ações e, principalmente, para se colocar em marcha, logo após a 1ª Oficina e em conjunto com a diversidade de atores regionais, uma série de

atividades que estão inextricavelmente relacionadas ao amadurecimento dos objetivos, à seleção das áreas consideradas prioritárias e à definição de uma carteira de projetos voltados para o desenvolvimento da região. É exatamente esse rol de atividades que será determinante para o sucesso da região, posto que este envolve, acima de tudo, pensar e agir coletivamente.

A 1ª Oficina foi estruturada em duas partes distintas: uma expositiva e outra prática. A primeira teve foco na apresentação dos objetivos, geral e específicos, do projeto CDR/MEC/CGEE e de alguns indicadores socioeconômicos da região do Sudoeste Paulista. A segunda, por sua vez, foi totalmente dedicada à consulta dirigida, na qual os atores regionais presentes foram divididos em três grupos de trabalho para responder a três questões sobre desenvolvimento regional. São elas: (a) quais são os pontos fortes e fracos da região; (b) o que as instituições de ensino superior e de ciência e tecnologia podem fazer de melhor para o desenvolvimento da região; e (c) que objetivos prioritários são mais significativos para melhorar a qualidade de vida da população e acelerar o desenvolvimento da região. Com base nas respostas, cada grupo deveria estabelecer três objetivos estratégicos.

O propósito dessa metodologia era exatamente o de provocar o debate, gerar reflexões e estimular, por meio do exercício coletivo, uma possível convergência de ideias e alvos. Houve consenso no tocante ao potencial do agronegócio - e a vocação agrícola da região foi enfatizada inúmeras vezes - e dos recursos naturais como prováveis motores do desenvolvimento regional. Isso implica que os atores regionais têm uma percepção relativamente clara a respeito dos principais atributos da região. Contudo, as acentuadas generalidades nas respostas denotam reais dificuldades dos grupos formados por distintos atores regionais em fazer escolhas, em pensar coletivamente e em conciliar prioridades com exequibilidade.

A explicação para essas dificuldades reside basicamente no fato de que a diversidade de atores regionais implica em diferentes lógicas e percepções, as quais estão invariavelmente na origem das incompatibilidades e da falta de confiança, sendo esses sentimentos os principais responsáveis pela criação de barreiras concretas a uma frutífera interação entre os atores de uma região. Isso significa que os atores buscam contribuir para o desenvolvimento da região por meio de ações isoladas e é exatamente este *modus operandi* dominante que acaba por se constituir num forte empecilho para que eles pensem e ajam coletivamente. Cabe aqui sublinhar, no entanto, que todas essas dificuldades não são encontradas única e exclusivamente no Sudoeste Paulista, uma vez que a literatura existente (OCDE, 2007; GODDARD & KEMPTON, 2011) fornece abundantes e diversificados exemplos de obstáculos entre os atores regionais e, por conseguinte, ao próprio engajamento regional deles.

Um requisito de fundamental importância para a consecução do desenvolvimento regional é a escolha de prioridades, posto que o processo de tomada de decisão é eminentemente político e não técnico. O aspecto técnico, na verdade, apenas subsidia a decisão política. Portanto, é necessário escolher projetos que sejam exequíveis, ou seja, aqueles que podem ser desenvolvidos com os meios disponíveis. A dificuldade de se fazer escolhas, revelada pelo exercício empregado na segunda parte da 1ª Oficina, ilustra perfeitamente o quão relevante foi esse evento e o quão desafiador e relevante será a missão do CDR, que é um espaço de consenso, em que se busca a convergência de ideias e objetivos entre os distintos atores regionais a respeito de uma visão de futuro da região.

Em face das dificuldades mencionadas, o compromisso assumido pela coordenação do CDR e pelos atores regionais foi o de iniciar a 2ª Oficina, que será realizada no início de março de 2018, com uma carteira de projetos definida e pactuada por todos. Portanto, a tarefa primordial nesse intervalo entre as duas Oficinas é discutir as prioridades para a região, superar possíveis conflitos e, fundamentalmente, definir os projetos que alavancarão o desenvolvimento regional.

5. Considerações finais

Há uma vasta e robusta literatura que enfatiza a importância do engajamento das universidades no processo de desenvolvimento das regiões, o que implica maior vinculação e comprometimento dessas instituições com as necessidades e realidades regionais. Um fator-chave nesse processo é a interação entre os diferentes atores, na medida em que ações colaborativas criam maior coesão regional, forjam uma visão de futuro e ampliam substancialmente as chances de se alavancar o desenvolvimento regional.

Os CDR foram concebidos como verdadeiros e naturais espaços de consenso, em que o desenvolvimento da região é estimulado e viabilizado por meio das sinergias entre os diferentes atores regionais, incluindo as universidades. No caso específico do CDR Sudoeste Paulista, foco de análise deste artigo, os desafios são significativos porque os laços de confiança e cooperação entre os atores da região, tal como evidenciado na 1ª Oficina, são tênues e restritos, e são resultado de lógicas e percepções distintas. A mudança de cultura na forma de pensar a região e nela agir, embora plenamente factível, como bem aponta a literatura, não está isenta de dificuldades, que são, olhando-se de outra perspectiva, desafios estimulantes.

Referências

- ASHEIM, B.; BOSCHMA, R.; COOKE, P. Constructing regional advantage: platform policies based on related variety and differentiated knowledge bases. **Regional Studies**, v. 45, n. 7, p. 893–904. 2011a.
- ASHEIM, B.; GERTLER, M. The Geography of innovation: regional innovation systems. In: FAGERBERG, J. *et al.* (eds.). **The Oxford handbook of innovation**, Oxford: OUP, 2006. p. 291-317.
- ASHEIM, B.; MOODYSSON, J.; TÖDTLING, F. Constructing regional advantage: towards state-of-the-art regional innovation system policies in Europe? **European Planning Studies**, v. 19, n 7, p. 1133-1139. 2011b.
- BRASIL. Ministério do Trabalho e Emprego – MTE. **Relatório anual de informações sociais-RAIS**. 2016. Disponível em: <<http://www.rais.gov.br/sitio/tabelas.jsf>>. Acesso em: 29 dez. 2017.
- CENTRO DE GESTÃO E ESTUDOS ESTRATÉGICOS – CGEE. **Ferramenta de mapas e dados do Centro de Gestão e Estudos Estratégicos**, Brasília: 2017.
- COOKE, P. Introduction: regional innovation systems: an evolutionary approach. In: COOKE, P. *et al.* (eds.), **Regional innovation systems: the role of governance in a globalized world**, London: Routledge, 2009. p. 1-18.
- _____. Regional innovation systems: competitive regulation in the new Europe. **Geoforum**, v. 23, n. 3, p. 365-382. 1992.
- COOKE, P. *et al.* Regional innovation systems: institutional and organizational dimensions. **Research Policy**, v. 26, p. 475-491. 1997.
- ETZKOWITZ, H. **The Triple helix: university-industry-government innovation in action**. London: Routledge. 2008.
- ETZKOWITZ, H.; KLOFSTEN, M. The Innovating region: toward a theory of knowledge-based regional development. **R&D Management**, v. 35, n. 3, p. 243-255. 2005.
- FAGERBERG, J. Innovation: a guide to the literature. In: FAGERBERG, J. *et al.* (eds.), **The Oxford handbook of innovation**, Oxford: OUP, 2006. p.1-26.
- GODDARD, J.; KEMPTON, L. **Connecting universities to regional growth: a practical guide**, Brussels: DG Regional Policy, European Commission. 2011.

GODDARD, J.; VALLANCE, P. **The University and the city**, London: Routledge, 2013.

GODDARD, J. *et al.* (Eds.). **The Civic university: the policy and leadership challenges**. Cheltenham, UK: Edward Elgar, 2016.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA – IBGE. **Censo Demográfico 2010**. 2010a. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/estatisticas-novoportal/sociais/populacao/9662-censo-demografico-2010.html?&t=oque-e>>. Acesso em: 30 dez. 2017.

_____. **Classificação nacional das atividades econômicas 2010 (CNAE)**. 2010b. Disponível em: <<http://www.cnae.ibge.gov.br>>. Acesso em: 28 dez. 2017.

_____. **Estimativas da população residente nos municípios brasileiros com data de referência em 1º de julho de 2017**. Disponível em: <ftp://ftp.ibge.gov.br/Estimativas_de_Populacao/Estimativas_2017/estimativa_dou_2017.pdf>. Acesso em: 28 dez. 2017.

LUNDEVALL, B.-Å. (Ed.) **National Systems of Innovation: towards a theory of innovation and interactive learning**. London: Pinter. 1992.

NELSON, R. (Ed.) **National System of Innovation: a comparative study**, Oxford: OUP. 1993.

ORGANISATION FOR ECONOMIC CO-OPERATION AND DEVELOPMENT – OECD. **Higher education and regions: globally competitive, locally engaged**. Paris: OECD. 2007.

_____. **Regions and innovation: collaborating across borders**. Paris: OECD. 2013.

_____. **The Innovation imperative: contributing to productivity, growth and well-being**. Paris: OECD. 2015.

PROGRAMA DAS NAÇÕES UNIDAS PARA O DESENVOLVIMENTO – PNUD. **Atlas de desenvolvimento humano**. 2010. Disponível em: <<http://www.br.undp.org/content/brazil/pt/home/idho/atlas-do-desenvolvimento-humano/atlas-dos-municipios.html>>. Acesso em 29 dez. 2017.